

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM MOVIMENTO: PRÁTICAS VIVENCIADAS E A CONSTRUÇÃO DE REPERTÓRIO TEÓRICO- METODOLÓGICO PARA GRADUANDOS EM PEDAGOGIA.

Maria Eduarda Capistrano da Câmara¹
Herta Camila da Silva Cabral²
Pablo Sebastian Moreira Fernandez³

RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre vivências teórico-práticas desenvolvidas no componente curricular Ensino de Geografia I, do curso de Pedagogia da UFRN. O objetivo deste estudo é discutir a importância da relação teoria e prática, na formação inicial de pedagogos, para a construção de repertório teórico-metodológico no ensino de Geografia. As vivências aconteceram no Centro de Educação da UFRN. Os conceitos abordados na disciplina tratavam-se de: espaço, lugar, território, região, paisagem, alteridade, tempo, que podem ser trabalhados desde a Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos. A primeira vivência baseou-se na animação “o menino e o mundo”, em que os licenciandos deveriam identificar no filme os conceitos estudados; a segunda tratou-se de uma oficina realizada a partir de experiências corporais voltadas aos conceitos de território, espaço e região; a terceira configurou-se na construção de um mapa do corpo e das sensações; Por fim, uma oficina de cartografia, no espaço aberto do Campus. Para fundamentação teórica priorizamos os estudos da BNCC (2017) substanciando as competências para o ensino de geografia nos anos iniciais; Tuan (1930), que destaca a importância da experiência para o aprendizado e Doin (1998) fundamentando a exploração do espaço. Os resultados demonstraram a importância de um ensino teórico-prático, o qual contribui para ressignificação de conceitos e construção de repertório teórico-metodológico para graduandos em pedagogia. Desse modo, faz-se necessário analisar a importância desse trabalho para a formação docente inicial, contribuindo para uma reflexão acerca de um ensino reflexivo e significativo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Formação inicial, Práticas educacionais.

INTRODUÇÃO

A Geografia consiste em uma ciência humana e social, Andrade (1987 p. 14-15) argumenta que: “A geografia pode ser definida como a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza, ou melhor, a forma como a sociedade organiza o espaço terrestre, visando melhor explorar e dispor dos recursos da natureza [...]”. Nessa perspectiva, a

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, mariaeduarda_camara@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, hertamila@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutor em geografia, e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, pablosmfernandez@gmail.com.

geografia enquanto ciência é fundamental para que se possa compreender que, em uma sala de aula, por exemplo, existem pessoas com diferentes trajetórias e experiências, vivenciadas em espaço-tempo distintos, que devem ser respeitadas e valorizadas. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular:

A educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. (BRASIL, 2017, p. 361)

A geografia é dinâmica e compreende a relação entre os homens e a natureza como algo dinâmico. Assim, o presente trabalho, bem como as oficinas e dinâmicas vivenciadas, permitem a análise e o estabelecimento de relações acerca do Homem e da Terra, e de que maneira o espaço vai interferir na construção das identidades e das trajetórias que cada indivíduo carregará consigo. “Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta.” (BRASIL, p. 361).

Nesse sentido, verifica-se a importância da relação teoria e prática na formação inicial de graduandos em Pedagogia, os quais, também serão responsáveis pelo ensino de Geografia. De acordo com Pimenta (1995, p.24) “[...] a atividade teórico-prática de ensinar constitui o núcleo do trabalho docente.”. Desse modo, as dinâmicas e oficinas desenvolvidas no componente curricular ensino de Geografia I foram essenciais, tendo em vista a possibilidade de serem realizadas considerações de caráter teórico-prático, bem como reflexões envolvendo os processos de ensino e aprendizagem, assim como, os conceitos geográficos e metodologias ativas de ensino.

A articulação entre teoria e prática é discutida por Candau (2013), quando ressalta a necessidade de esta ser vista a partir de uma visão de unidade, não de forma dissociativa do processo de formação. A teoria e a prática na visão de unidade caminham lado a lado, uma buscando compreender a outra. Quando a formação inicial de professores favorece a relação teoria e prática, o licenciando tem a oportunidade não somente de ressignificar suas concepções envolvendo o processo de ensino e aprendizagem, mas de compreender de que forma as teorias educacionais podem configurar-se na prática pedagógica, considerando-se o contexto e a realidade dos alunos, bem como da instituição.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é discutir a importância da relação teoria e prática, na formação inicial de pedagogos, para a construção de repertório teórico-metodológico no ensino de Geografia. A pesquisa caracteriza-se por ser descritiva-reflexiva, em que serão explanadas as etapas que constituíram as vivências teórico-práticas, bem como os resultados referentes a influência das experiências supracitadas para a construção de subsídios para a prática acadêmica e profissional dos graduandos do curso de Pedagogia.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se em descritiva-reflexiva. Com isso, as vivências serão descritas as vivências para, em seguida, analisar com as fundamentações teórico-metodológicas, realizando uma reflexão acerca da relevância de tais experiências para a formação inicial de licenciandos em pedagogia que ensinarão, também, geografia.

Nesse sentido, as vivências tiveram início com a reprodução do filme “O Menino e o mundo” que consiste em uma animação brasileira, lançada em 2013, dirigida por Alê Abreu, animador e diretor de cinema. O filme apresenta a figura de uma garoto que mora com os pais em uma cidade do campo e presencia a ida do pai em busca de emprego, saindo do lugar em que vive em busca de novas perspectivas. O menino, após um tempo, vai em busca do pai e se depara com diversas situações, nos mais variados contextos e realidades, evidenciando as interpretações que uma criança pode fazer acerca do mundo.

No Making Of, o diretor do filme explica o passo a passo de como a animação foi sendo produzida, destacando a intenção de apresentar as cenas a partir da ótica de um menino, abandonado pelo pai. Com isso, verifica-se a preocupação dos idealizadores em considerar cada detalhe para que a Animação alcançasse as emoções do telespectador.

A segunda atividade tratou-se de uma dinâmica realizada em sala, consistindo em um importante momento de reflexão acerca dos conceitos estudados até então no Ensino de Geografia I. A dinâmica iniciou com uma grande roda de conversa, em que os licenciandos puderam expressar os seus conhecimentos prévios acerca da orientação espacial e outros temas que estariam presentes na dinâmica como: território, lugar, paisagem, espaço. Após esse momento, o professor realizou perguntas referentes aos gostos musicais dos discentes, logo, a turma viu-se dividida em grandes grupos, tendo em vista a diversidade de interesses musicais presentes naquele ambiente.

No chão da sala havia vários círculos grandes formados com corda e fita. Após a roda de conversa e as perguntas sobre gostos musicais, a turma foi convidada a espalhar-se pela

sala, e quando o professor desse a orientação, todos deveriam procurar encaixar-se em um dos círculos. A medida que as rodadas iam acontecendo, o docente retirava um dos círculos, fazendo com que algumas pessoas, por vezes, não conseguissem entrar em nenhum círculo devido a quantidade de alunos presentes nele.

A terceira vivência foi importante para a compreensão do conceito de mapa. Para entender um pouco mais sobre a linguagem cartográfica foi necessário, no primeiro momento, a explanação do professor acerca dos elementos básicos de um mapa (sistema de signos, redução e projeção). Assim, o segundo momento foi a prática, em que deveríamos colocar em uma folha A3 a representação do laboratório de geografia. Para isso, foi necessário fazer algumas medições para realizar cálculos e descobrir a escala (estabelece quantas vezes o espaço real sofreu reduções) e com isso realizar o desenho.

Na terceira oficina a turma deveria realizar dois mapas do corpo, em que um representaria as partes constituintes do corpo e o segundo seria voltado às sensações ou sentimentos. Utilizamos o próprio corpo para a construção, utilizando uma escala 1:1, sendo em dupla para o debate das ideias, auxiliando na criatividade e na integração. Os mapas deveriam ter os elementos básicos, como: legenda, escala e título, sendo necessário para a compreensão e leitura, a qual, como afirma Doin (1998), vai envolver a decodificação, observação do título e da legenda, para que o leitor construa os significados ali presentes.

A quarta oficina foi realizada em três momentos, em que no primeiro ocorreu no laboratório de geografia do Centro de educação, tivemos práticas de como trabalhar a rosa dos eventos com os alunos, e o segundo momento foi na parte externa, nas imediações do referido lugar para colocar em prática o que foi trabalhado anteriormente.

O momento inicial da oficina foi essencial para entender, enquanto futuras professoras de Educação Infantil e Ensino Fundamental, que não é adequado trabalhar a rosa dos ventos com as crianças, no quadro, ou seja, de maneira perpendicular à terra, mas sim de uma forma que os alunos vivenciem e compreendam que ela é paralela à terra. Para isso, o docente demonstrou, na prática, de que modo podemos trabalhar a representação espacial com as crianças, com o objetivo de facilitar a compreensão acerca do assunto. Primeiramente ele convidou alguns participantes e trabalhou a lateralidade juntamente com os pontos norte (frente), sul (atrás), leste (lado direito) e oeste (lado esquerdo), em seguida explicou a regra do sol nascente (usar o lado direito para se referir ao leste) e sol poente (usar o lado esquerdo para se referir ao oeste).

A partir disso, os participantes ficaram dispostos em uma roda para representar os pontos cardeais e colaterais, um dos discentes foi convidado para representar o sol e outro

para sentar no centro da roda, segurando uma boneca, a qual foi utilizada por ter membros flexíveis, além de atrair e suscitar a participação das crianças, no caso de a aula ser ministrada nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Posteriormente, o docente solicitou que a pessoa que estava representando o sol se deslocasse para diversos pontos, alternando entre o sol poente e sol nascente, a medida que o "sol" mudava de lugar a pessoa que estava no centro deveria utilizar as regras citadas anteriormente, dizendo o nome da pessoa que estava com cada um dos pontos cardeais e colaterais. Essa vivência foi realizada algumas vezes com a mudança de participantes para que os discentes que estavam assistindo a prática pudessem analisar e refletir acerca da diferença entre observação e vivência.

Na segunda atividade o docente convidou uma pessoa para representar o sol, e outras seis para se nortearem de olhos fechados tendo como referência o sol nascente. Assim, o docente informou as alunas que o "sol" localizava-se a direita delas e foi dando alguns comandos (um passo, dois passos etc) orientados com os pontos (um passo a noroeste, dois passos a sudeste). O professor solicitou que as alunas realizassem a dinâmica, primeiro com os olhos fechados, em seguida, com os olhos abertos, para possibilitar que a vivência ocorresse de diferentes formas. Podemos relacionar isso com a inclusão, assim, caso existisse alguém com deficiência visual na turma, nós, enquanto futuras docentes, poderíamos propor esse momento de aprendizagem.

Após os momentos vivenciais com o corpo foi que se iniciou uma atividade em uma folha para que os discentes usassem a regra do sol nascente e poente em uma rosa dos ventos. Assim, o momento de escrita só foi possível devido a experiência e a utilização do esquema corporal, este sendo a base cognitiva.

O terceiro momento começou com a explicação da atividade e de como utilizar uma bússola. Com isso, em grupos, os participantes deveriam seguir as pistas indicadas em alguns pontos da paisagem do local para dar prosseguimento ao caminho. Cada pista era uma frase e, além disso, continha o número de passos que o grupo deveria dar e a direção para chegar na próxima pista. Ao final, os grupos iriam dispor da frase completa. Assim, o uso da bússola foi essencial nesse processo para orientar os participantes. O professor, ao final da experiência afirmou que esta poderia ser vivenciada com o intuito de competição ou de dinâmica coletiva.

Nesse terceiro momento trabalhamos conceitos referentes ao espaço enquanto movimento, ou seja, era preciso o deslocamento, o uso do corpo, a dinâmica grupal para solucionar o problema e partir para a outra pista. A orientação espacial foi essencial no processo, com o auxílio da bússola e dos conceitos dos pontos cardeais e colaterais vistos no primeiro momento em sala.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 361) traz os conceitos geográficos como mobilizadores para um pensamento espacial, em que os alunos analisam informações geográficas, podendo reconhecer: a desigualdade dos usos dos recursos naturais pela população mundial; o impacto da distribuição territorial em disputas geopolíticas; e a desigualdade socioeconômica da população mundial em diferentes contextos urbanos e rurais. Discussão essa que a primeira vivência possibilitou, um olhar crítico e reflexivo acerca dessas temáticas.

Ademais, a animação “O menino e o mundo” apresenta, também, o protagonista frequentando vários espaços, em que é possível perceber que o espaço não apresenta características estáticas, constituindo-se em movimento, ou seja, ele é dinâmico e muda-se constantemente. Assim, ele pode apresentar-se de diversas maneiras, como floresta, bosque, campo, cidade.

Dessa forma, o filme reforçou a ideia de que o espaço está ligado a relações sociais, comunitárias. É perceptível que a relação dos espaços vividos pelo personagem, ao longo das cenas, é idiossincrática, ou seja, remete a singularidade, dependente das associações subjetivas com o próprio espaço geográfico, o qual muda regularmente.

A presença do conceito de lugar, o qual está ligado a experiências pessoais e subjetivas (TUAN, 1930), pode ser identificada quando o pai do menino vai embora para outro local, em que o garoto passa a ter uma série de recordações das vivências com a figura paterna, fazendo com que gerasse um sentimento de tristeza por saber que não poderá abraçar o pai, conversar, brincar, como faziam antes.

Nesse sentido, aquele lugar onde mora o protagonista está relacionado aos sentimentos dele, bem como as boas recordações com seu pai. Portanto, lugar está ligado a algo pessoal, subjetivo, bem como às relações sociais, assim, o filme apresenta a importância de pensar o sujeito e o seu lugar. Corrobora a BNCC (2017, p. 362) com a unidade temática “o sujeito e o seu lugar no mundo” em que é esperado que as crianças possam perceber e compreender a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, além de identificar-se com a comunidade que vive, respeitando os diferentes contextos socioculturais.

Ao longo da animação o menino vivencia diversas situações em diferentes contextos, demonstrando a forma que o garoto percebe o espaço que o circunda. Nesse sentido, é possível identificar o conceito de paisagem, pois o filme expõe o espaço na interpretação e

percepção do protagonista. Assim, pode-se observar elementos geográficos na animação que caracterizam a paisagem, como por exemplo, solo, vegetação, céu, formas, bem como a presença humana, ou seja, a paisagem apresenta-se como um elemento cultural, que configura a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. Trabalhar a observação e a compreensão dos componentes da paisagem contribui para a articulação do espaço vivido com o tempo vivido. Em que o vivido é considerado como espaço biográfico, que se relaciona com as experiências dos alunos em seus lugares de vivência. (BRASIL, 2017) No que se refere à segunda dinâmica, faz-se necessário destacar os conceitos que foram possíveis identificar, sendo eles: espaço, lugar, território, região e alteridade que também constitui-se em um importante conceito estudado na geografia. No que se refere ao espaço, destaca-se o próprio ambiente onde a dinâmica ocorreu, consistindo, portanto, no espaço que a turma estava naquele momento. Vale ressaltar que o espaço pode ser agrário, natural, florestal, campo, ademais, todos os conceitos geográficos partem do espaço. Também foi possível identificar o conceito de lugar, o qual pode ser observado à medida que as pessoas escolhiam um determinado círculo para entrar. Os círculos, metaforicamente, seriam os lugares daqueles grupos de pessoas, em que algumas não conseguiam entrar, pois já estava sobrecarregado de pessoas.

Desse modo, pode-se comparar esta etapa da dinâmica com o conceito de lugar, em que cada grupo de pessoas escolhiam um determinado lugar para ficar, em alguns casos, recusando aceitar outras pessoas ou saírem dos seus lugares para dá-lo a alguém que estava fora do círculo. O lugar está ligado a particularidades e subjetividades de cada um, ou seja, trata-se de algo pessoal. “O lugar atrela-se a nossas relações afetivas, memórias, sentimentos, entre outros.” (TUAN, 1930).

Foi possível perceber, também, o conceito de região, o qual contribui para a organização do espaço. Desse modo, ela pode ser compreendida como uma área que é demarcada a partir de certos critérios com o objetivo de estabelecer as características de determinado lugar, assim, ela apresenta especificidades que pode ser de caráter político, econômico, vegetal, entre outros. É importante ressaltar a presença do conceito de território que, na geografia, pode ser estudado para analisar as relações de espaço e poder, desenvolvidas em determinada região ou país. Porém, vale salientar que “o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 51). Assim, observa-se o encadeamento de conceitos que podem ser trabalhados no

processo de ensino-aprendizagem crítico, não só a partir de uma dinâmica, como também com o contexto e a realidade em que os alunos se encontram.

Além disso, foi possível visualizar na dinâmica o conceito de alteridade, sobretudo no momento em que a turma dividiu-se em outros grandes grupos expressando, por exemplo, a diversidade de interesses musicais. A alteridade constitui-se em um fator de diferenciação, garantindo a diversidade cultural, social, bem como a identidade das pessoas com base em suas experiências de vida. Portanto, a realização desta dinâmica foi fundamental para que fosse possível perceber, na prática, como os conceitos de Espaço, Lugar, Território, e Região, bem como o de alteridade, fazem-se presentes.

A terceira vivência foi importante para a compreensão do conceito de mapa, o qual é concebido como uma representação de um determinado espaço real, um modelo de comunicação que expressa informações da linguagem cartográfica. O mapa também é considerado uma tecnologia, sendo um instrumento de registro, trabalho e armazenamento de informações. Além disso, é algo extremamente político, pois representa quem o produz, sua cultura, seu país. Sobre esse tema, a BNCC (2017, p. 364) defende que os mapas devem, sempre que possível, auxiliar no suporte para a construção de um repertório que faz parte do raciocínio geográfico, fugindo do ensino do mapa pelo mapa, como fim em si mesmo.

Essa vivência foi essencial para relacionar com Doin (1998) a qual defende, em suas discussões, que a criança precisa agir, experienciar para construir conceitos, pois ela vivencia, primeiramente, o espaço físico através dos movimentos, para depois percebê-lo e só após concebê-lo. Por isso, a tomada de consciência corporal é importante para a conquista do espaço e o docente deverá auxiliar nesse processo, de uma forma que ela consiga perceber e entender essas relações espaciais. O uso do corpo auxilia na construção do conceito de espaço, e com isso, na elaboração dos mapas. É com a experiência, sensação e percepção que os alunos poderão construir concepções acerca desses conceitos. De acordo com Tuan (1930), o espaço é mais abstrato que o lugar, pois este vai se transformando à medida que conhecemos aquele, e é com a experiência, ou seja, com as maneiras que o indivíduo conhece e constrói a realidade, que esses conceitos são percebidos e compreendidos.

E é nessa concepção de experiência que a quarta oficina se destaca, favorecendo a utilização do corpo como instrumento de aprendizagem. Tuan (1930) propõe que: “[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (p 10). Com isso, ensinar a rosa dos ventos, orientação espacial, norte, sul, leste e oeste em um quadro com desenhos não irá facilitar na compreensão dos alunos, em especial se estes forem crianças. Por isso, a vivência

se configurou em um espaço de aprendizagem único, em que foi possível aprender através do corpo, através dos sentidos. Nas discussões, os discentes ressignificaram o olhar acerca do tema rosa dos ventos. Afirmavam que na época da escola aprenderam de forma diferente, no quadro, com a professora explicando onde era o norte, sul, leste, oeste.

Para uma criança, explorar o espaço está diretamente relacionado ao seus sentidos e o modo que ela entende vai depender da sua cultura, pois os esquemas espaciais são compreendidos de formas distintas. O vocabulário auxilia nesse entendimento, sendo os termos: alto, baixo, em pé, deitado, frente, trás, direito, esquerdo, como exemplos de palavras primordiais para a compreensão do esquema espacial dos indivíduos (TUAN, 1930).

Assim, utilizar o termo experiência relaciona-se às diferentes maneiras que um indivíduo conhece e constrói o mundo em que vive, para isso, é necessário desde sentidos mais diretos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual, a qual auxilia indiretamente na simbolização que os sujeitos realizam ao longo da sua trajetória. Experiência volta-se, portanto, a sensação, percepção, emoção e pensamento (TUAN, 1930)

Por isso, a vivência com a rosa dos ventos, as dinâmicas para compreender os pontos cardeais e colaterais, bem como o uso da bússola auxiliaram na ressignificação de como realizar uma aula de geografia fazendo uso dos sentidos e da experiência dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas dinâmicas foram essenciais para ampliar o nosso olhar diante da prática pedagógica no ensino de geografia, sobretudo por terem apresentado maneiras de se trabalhar, por exemplo, a representação espacial, de modo lúdico e interativo, possibilitando aos alunos a vivência de experiências prazerosas e significativas. É fundamental ressaltar que estas experiências, as quais elucidaram diversos conceitos geográficos, são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem das crianças, além de terem possibilitado às futuras pedagogas visualizar, na prática, maneiras significativas de trabalhar conscritos tão importantes para os alunos e que estão ligados ao seu cotidiano.

Ademais, destaca-se o encadeamento das oficinas, em que observamos na construção do mapa do corpo e dos sentidos, uma relação com a produção do espaço, ou seja, o primeiro passo se dá através do conhecimento do corpo, o qual potencializa a produção de espaço geográfico, bem como as sensações que auxiliam nessa construção. Assim, essa oficina

precede o momento com as vivências da rosa dos ventos, bem como a utilização da bússola, da orientação, observação e localização a partir de referências fixas.

A escola é um ambiente que recebe, todos os dias, indivíduos de diferentes culturas, religiões, lugares, em que cada um traz consigo especificidades que dialogam com a sua subjetividade. Portanto, é fundamental que os alunos possam compreender e vivenciar práticas que elucidem os conceitos de espaço, tempo, lugar, região, território, alteridade, identidade, tendo em vista a existência de uma multiplicidade de trajetórias e de pessoas com costumes, origens e histórias diversas presentes no mesmo ambiente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. O espaço geográfico: ensino e representação. 6.ed. São Paulo: Contexto, 1998. 90p. (Repensando o Ensino) ISBN: 858513447.

ANDRADE, M. C. Geografia, Ciência da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1930.